

Variações do tempo no romance *Palavra de honra*, de Ana Maria Machado

Original Scientific Paper

Majda Bojić¹

Departamento de Estudos Românicos

Cátedra de Língua e Literatura Portuguesas

mbojic@ffzg.unizg.hr

O presente artigo visa refletir sobre o aspecto do tempo no romance *Palavra de honra*, de Ana Maria Machado, romance que pinta um fresco familiar mediante um coral de vozes produzindo uma reflexão profunda sobre tempos, espaços e hábitos diferentes unidos porém pelo quadro familiar. O retrato da família estende-se fora dos limites do cotidiano e do passageiro onde o imperativo de construção da história familiar não escapa à experimentação com o tempo narrativo. O presente trabalho se propõe analisar as manifestações do tempo no romance de Machado desde o tempo narrativo, ao nível do discurso, até às figurações do tempo, ao nível da história. Ainda abarcamos certos aspectos de memória cultural

¹ Licenciada em Literatura Comparada e Língua e Literatura Francesas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Zagreb, Croácia. Trabalha como Professora Adjunta na Cátedra de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Zagreb, lecionando disciplinas de literaturas e culturas dos países de língua oficial portuguesa. Doutorou-se em 2013 com «*Memória e identidade na obra de Milton Hatoum*». Entre as principais áreas de investigação destacam-se: estudos de memória, estudos narrativos, literatura brasileira e literaturas africanas de língua portuguesa. Tem participado em congressos e simpósios em Portugal e no Brasil.

<https://www.bib.irb.hr:8443/pretraga?operators=and|Boji%C4%87,%20Majda%20%2822264%29|text|profile>

que proporciona uma reflexão sobre outras temporalidades que constituem os liames simbólicos da história familiar.

Palavras-chave: tempo, anacronia, família, lembranças, objetos

Introdução

O tempo é, sem dúvida, um dos fenómenos mais largamente explorados pela literatura. Suas faces múltiplas e qualidades voláteis não deixam de apresentar uma fonte de inspiração para os escritores. Nas suas obras, o tempo se afigura não apenas como tema ou motivo, senão também como princípio de experimentação ao nível da estrutura narrativa. Nos romances da escritora brasileira Ana Maria Machado encontram-se frequentemente contraponteados discursos de temporalidades diferentes que desmontam o fluxo narrativo da estrutura linear.

O presente trabalho se propõe a problematizar as representações do tempo no romance *Palavra de honra* publicado em 2005. É um romance com estrutura narrativa complexa onde a narração de uma história familiar é efetuada através de narrativas focalizando personagens – membros de família de gerações diferentes. O diálogo que se cria entre eles evidencia vínculos, ao mesmo tempo, fortes e frágeis de uma estrutura familiar proporcionando, através da técnica composicional, uma história familiar de densidade narrativa particular. Com o intuito de investigar o aspecto temporal, abarcamos primeiro a estrutura narrativa do romance com as suas anacronias temporais para depois examinarmos as representações do tempo ao nível da própria história – desde os motivos do tempo até aos motivos da herança familiar (objetos biográficos e lembranças) que traduzem uma temporalidade própria.

1. Narrar uma história familiar

O romance *Palavra de honra* se inicia com as recordações do imigrante

português José de Almada. Como se lê nas linhas de abertura:

Enganado pela morte, o velho Almada iria passar anos e anos contemplando na parede do quarto a memória das águas daquele riachinho a se espreguiçar por entre as pedras. Encantado pela vida, o menino José ficava alguns minutos todo dia acompanhando o percurso das folhas e gravetos que acabara de soltar na correnteza e iam sumir numa curva mais adiante. (Machado, 2005: 9)

O fio de memória do velho Almada traz as reminiscências do seu passado quando ainda era menino morando numa aldeia de Portugal. Mais maduro, instigado pelas histórias de sucesso, ele emigra para o Brasil, *terra de oportunidades*, onde, graças ao seu caráter habilidoso e diligente, consegue, em poucos anos, construir os alicerces duma vida próspera. Aos sessenta anos – *idade fatídica* para os seus antecessores e familiares, todos mortos com essa idade – ele se retira do mundo e deita-se na cama esperando a sua vez de morrer (Machado 2005: 55). Porém, *enganado pela morte* que tardava em vir buscá-lo, em vez de morrer, iria passar anos e anos rememorando.

Os momentos do seu passado são evocados por parte de uma narradora, a sua trineta, Letícia, que admite ao longo do romance o grande apego pelas histórias familiares que parecem estar em sua volta pela vida inteira. Dessa afinidade, ficamos sabendo em capítulos que permeiam (retardando) a narrativa sobre José. Neles, Leticia aparece como uma narradora autodiegética que, entre outros tópicos, reflete sobre a sua inclinação pela escrita. A trineta do velho Almada abre as suas anotações com uma efusão de sinceridade: “não sei se o destino de todo leitor é esse mesmo. Um dia passar para o outro lado. Começar também a alinhar palavras para que os outros leiam” (Machado 2005: 17).

A riqueza da estrutura marcadamente polifônica desse romance, no entanto, não se esgota com o acrescentamento da voz autodiegética de Letícia. Mais para o final do romance, introduz-se o relato autodiegético narrado por Dora, tia-bisavó que, ao ser instigada por Leticia, começa

a anotar suas reflexões sobre a família, revelando-nos novos detalhes sobre a história dos Almada.

Pelo seu conteúdo semântico, *Palavra de honra* é um romance que conta a história duma família. No entanto, ao longo da sua leitura, fica evidente que não se trata de uma história familiar convencional. O carácter polifónico e polidiscursivo proporcionado pela presença de vozes diferentes em forma de capítulos separados oferece perspectivas variadas. Além disso, o enredo não é contado de modo cronológico linear. A história é repleta de linhas temporais, que se entrecruzam provocando constantes oscilações entre épocas diferentes.

Desde logo se impõe uma comparação com o género de romance de família. Segundo Helmut Galle (2014: 200), como “romance de família” denomina-se, geralmente, “um sub-género do romance que tematiza, em primeiro lugar, relações familiares, muitas vezes através de três ou mais gerações.” Galle refere ainda a definição da estudiosa norte-americana Yi-ling Ru:

The family novel as a whole is best defined in terms of its four distinguishing characteristics: first, it deals realistically with a family evolution through several generations; second, family rites play an important role and are faithfully recreated in both their familial and communal contexts; third, the primary theme of the novel always focuses on the decline of a family; and fourth, such a novel has a peculiar narrative form which is woven vertically along the chronological order through time and horizontally among the family relationships. (Yi-ling Ru *apud* Galle 2014: 200-201)

Uma leitura que, por razões expositivas, pense o romance de Machado em termos de romance familiar nota nele a presença de vozes de gerações diferentes, a representação de ritos familiares e, em certa medida, o declínio de família.² O que nos interessa particularmente, entretanto, refere-se à última observação de Yi-ling Ru sobre a forma narrativa

² No caso do romance de Ana Maria Machado, a noção de declínio se manifesta sobretudo no sentido económico e, até certo ponto, na unidade familiar.

peculiar organizada horizontalmente entre as relações familiares e, verticalmente, seguindo uma ordem cronológica do desenvolvimento narrativo. Embora reconhecendo-se no romance a propensão pelo eixo vertical (no sentido de uma perspectiva transgeracional e em detrimento de uma elaboração horizontal), o jogo com o tempo narrativo, assim como o caráter polifônico e multitemporal, apresenta uma estrutura narrativa complexa que desestabiliza a ideia duma história familiar tecida com certa estabilidade conferida pelo desenvolvimento cronológico da narração. Prosseguimos, portanto, com a análise do tempo narrativo prestando uma atenção particular às anacronias do tempo.³

2. Anacronias do tempo

Nos capítulos onde Leticia expõe as suas intenções de escrita, ela nos revela o seu *modus operandi* que, num lance autorreflexivo, pode ser aplicado à estrutura narrativa do próprio romance:

Um dia eu ainda escrevo. Mas sempre é preciso ter um tema. Ou, pelo menos, um assunto definido deve ajudar. Os antepassados, talvez. Histórias da nossa família, das que vovó Glorinha contava. Do jeito que ela contava. Soltas, episódicas. Às vezes algumas até se encadeavam. Mas quase sempre eram esparsas. Cada dia uma lembrança. Fragmentos. Retalhos. Cacos. O leitor que depois os junte. Faça sua colcha. Seu mosaico. Seu caleidoscópio. (Machado 2005: 18)

Outra citação do relato de Letícia apresenta uma referência explícita em relação à narração linear: “Agora é que me deu essa vontade de escrever. [...] Apenas escrever. Assim, solto, sem preocupação com qualquer estrutura. Sem compromisso com nada. Nem mesmo com um encadeamento linear, tudo certinho, ordenado, de começo-meio-fim” (Machado 2005: 30). Essa citação parece (de novo, de modo

³ Por anacronias, Gerard Genette (1972: 79) entende “les différentes formes de discordance entre l'ordre de l'histoire et celui du récit”.

autorreflexivo) anunciar o aspecto temporal do romance que contém anacronias provindas das divergências entre o tempo do narrado e o tempo da narração.

Observando primeiro o nível do encadeamento dos capítulos, podemos notar que as componentes da estrutura polifônica remetem para épocas diferentes. Lembramos que o romance é constituído por capítulos relativamente curtos com linhas discursivas diferentes. Elas diferem em narradores (ou tipos de narradores) e referem outras temporalidades. Seguindo a disposição dos capítulos, a história da infância do José vê-se “retardada” pelos relatos autodiegéticos de Letícia, sua trineta. Mais para o final do livro, quando na história de Letícia entra a tia, aparecem, intercalados, os depoimentos dela. A essa conjuntura temporal complexa que advém da estrutura polifônica acrescenta-se outra: os capítulos que constroem a história de Almada, não seguem um encadeamento cronológico rígido. Sempre entrecortados por relatos de Letícia, a linha cronológica da narrativa acompanhando a infância, a viagem e os anos iniciais no Brasil, vê-se entrecortada por capítulos referindo eventos que remetem a um tempo da velhice do protagonista (após a reclusão do patriarca na sua casa).

Quanto ao nível dos próprios capítulos, a análise da estrutura temporal denota anacronias que subvertem a disposição cronológica de eventos. Segundo a terminologia de Genette (1972), elas podem ser classificadas como *prolepses* e *analepses*. No romance de Machado, na maioria dos casos, as analepses são fruto de uma movimentação retrospectiva resultando do ato de lembrar. Esse fato ocorre na história de José, mas também naquela que foca Letícia. Quanto às antecipações dos momentos futuros, elas são particularmente presentes no relato de José. Assim, na linha narrativa que descreve a idade avançada de Almada ocorrem referências antecipando acontecimentos no futuro (que ultrapassam as fronteiras da história principal). Mencionemos, por exemplo, a antecipação que ocorre nas passagens referindo momentos de José com a neta: “Com um olhar de fascínio que ela jamais esqueceria. Um olhar que só depois de adulta, em retrospecto,

Mária da Gloria percebeu que na certa era dirigido a ela e não à caixinha da música ou à bailarina” (Machado 2005: 20). Esse tipo de antecipações, provindas da narração ulterior, torna visível o trabalho de reconfiguração de memórias familiares conforme a passagem do tempo (ao longo da vida).

A maioria das subversões da cronologia narrativa, no entanto, resulta do próprio enquadramento narrativo (o velho Almada passando, na cama, anos e anos rememorando). Assim, a história do menino José vê-se entrecortada pelas referências ao velho Almada que lembra: “Muito mais de meio século depois, quando procurava lembrar-se dos meses que se seguiram, o velho Almada não conseguia distinguir nada direito, [...]” (Machado 2005: 25); “Muitos anos depois, deitado na cama em sua longa espera, o velho Almada gostava de rememorar um episódio que vivera em sua loja de ferragens.” (Machado 2005: 103). Também, após a referência a um crucifixo – presente da mãe que José trouxera de Portugal – relata-se o seguinte: “O velho Almada o via diariamente em seu quarto, tantos anos depois.” (Machado 2005: 25).

3. Figurações do tempo

Ao nível diegético, notam-se, no romance, frequentes referências ao tempo, desde os simples motivos temporais até as referências que traduzem uma visão subjetiva do tempo.⁴ Assim, ressalta-se o exemplo do discurso retrospectivo que lança uma luz sobre o funcionamento

⁴ A dimensão temporal está particularmente presente nos trechos que focalizam o protagonista. Logo no início do romance, as vivências do menino José no seu cotidiano e o seu crescimento, são relatados com atenção particular conferida às marcas de tempo, usadas também enquanto recurso estilístico, tal como acontece no exemplo seguinte onde se pinta, a passos rápidos elaborados pela sequência gradual das marcas temporais, a situação penosa da família de José: “Lá ia ele. **Cada semana** um pouco mais velho, um pouco mais forte, capaz de fazer um pouco mais. **Cada mês** com a sensação de que era para menor resultado, entre os rigores do clima e a aridez da terra coalhada de pedregulhos. **Cada ano** para dividir com mais gente, na família de novas bocas a surgir com a rapidez de cogumelos, enquanto os novos braços cresciam com a lentidão de carvalhos” (Machado, 2005: 9-10, negrito nosso).

da memória psicológica. Num trecho do texto que refere as reminiscências de Almada, assinalam-se as implicações temporais do ato de lembrança: “Muito mais de um século depois, quando procurava lembrar-se dos meses que se seguiram, o velho Almada não conseguia distinguir nada direito, como se naqueles dias houvessem acontecido mais coisas do que em todos os 12 anos anteriores” (Machado 2005: 25). As lembranças, como o indica o exemplo citado, possuem uma dinâmica temporal própria, contraindo o tempo ou então conferindo-lhe uma extensão maior (ver Candau, 2011: 88).

O tempo psicológico, ou seja, “o tempo filtrado pelas vivências subjetivas da personagem” (Reis, 2018: 508), confere, também, uma dinâmica temporal própria à natureza. Como consta nas páginas finais do romance: “O tempo em Petrópolis se marcava pelas flores. E não apenas porque uma das praças principais ostentava seu relógio de flores, em que os ponteiros giram entre canteiros. Mas também dava para saber o mês do ano pela floração dos jardins e da mata” (Machado 2005: 188).⁵

E logo depois:

Nas árvores de Caxangá, o tempo se contava diferente. Uma vez lhe mostraram e José Almada nunca mais esqueceu. Foi necessário abater uma árvore imensa que ameaçava cair. Para remove-la, tiveram que serrar o tronco em toras. Os cortes revelavam os círculos concêntricos. Cada um correspondia a um ano – foi o que lhe disseram. Um ser tão antigo. [...] Talvez não se perdesse por completo. Algum tempo depois, ele todo brotava novamente. (Machado, 2005: 189)

Além de sublinharem a importância da natureza enquanto referencial das marcas de tempo, essas duas citações evocam a circularidade do tempo que marca o espaço de José. Pode-se dizer que a presença da natureza impõe uma circularidade à experiência humana do tempo.

⁵ Outro exemplo da valorização do tempo da natureza: “Apesar do frio que sentia embaixo dos cobertores, José Almada sabia que era verão. E estava anoitecendo. Conhecia pelo aroma. O perfume dos jasmineiros invadia seu quarto [...]” (Machado 2005: 188).

Tal como é ressaltado na citação anterior, o tempo do relógio, com a sua cronologia linear, ganha dimensões novas e vira o “relógio de flores” regido pelo tempo cíclico da natureza.

Além das referências ao nível diegético, uma certa circularidade pode ainda ser atribuída ao nível do discurso. Isto se refere à linha discursiva centrada em volta de José que, com certa regularidade, aproxima intervalos temporais remetendo respetivamente a momentos anteriores e posteriores à sua reclusão em casa.⁶

No romance, a noção do tempo circular encontra-se muitas vezes contrapontada à noção de tempo cronológico. Na noite em que nasceu a sua primeira filha, José sente uma transformação profunda:

Até então, o tempo não havia sido mais que um pião colorido, a girar sobre si mesmo, em ciclos, a oferecer sempre a mesma face de quando em quando. As estações que se sucediam, os aniversários que voltavam, os Natais que se repetiam. Subitamente, deixava esse caminho redondo e adquiria uma direção. Passava a ser uma estrada que nunca mais retornava sobre si mesma. (Machado, 2005: 94)

A noção de circularidade na vida de José (inerente aos rituais e às comemorações familiares) se transforma e ganha uma perspectiva nova:

Um pai de família. Era isso o que José se descobria nesse momento. Inserido numa linha do tempo, que vinha dos pais, dos avós, dos bisavós, de tantos outros que ficaram para trás na lembrança da aldeia longínqua, à beira do riacho. Uma linha que continuaria a seguir

⁶ Elaborando sobre a circularidade temporal ao nível do discurso, Alfonso de Toro concretiza: “Time circularity happens when analepses and prolepses are used similarly. From a point of time X within the fiction, the narrator mentions an event A in the future from this time, then an event B in the past, and then, from there, narrates linearly, until he reaches A again and gives a detailed account of A.” De Toro ainda faz uma distinção entre os círculos simples (definidos atrás) e os complexos. Segundo ele, os círculos complexos conteriam mais círculos criados ao longo da narração de eventos passados (De Toro, 2011: 125).

adiante, numa direção desconhecida, em filhos, netos, bisnetos e tantos outros, nesta terra de além-mar. (Machado, 2005: 94)

Com as novas experiências trazidas pela paternidade, José se sente parte de algo de sumo valor, algo eterno e permanente, “acima e além de toda e qualquer circunstância passageira ou mutável ao sabor de ninharias” (Machado, 2005: 95). Esta citação aponta para outras dicotomias que ressaltamos no romance – aquelas que referem o antagonismo entre a continuidade e a mudança, o passageiro e o imutável. O tempo cronológico retratado no romance é aquele que traz mudanças na sociedade (modernização do Brasil) ao invés do esforço pessoal que tenta guardar a tradição. A ideia de continuação vê-se particularmente reforçada pela representação de motivos da herança familiar (objetos biográficos e lembranças) que traduzem uma temporalidade própria.

4. Tempo, objetos e lembranças

A nossa passagem pelos anos e as épocas de vida é sempre acompanhada por sinais materiais que pegamos no caminho. A matéria transcende a sua precariedade e assume um caráter de eternidade. Ou, nas palavras de Ecléa Bosi (2003: 26) em relação aos objetos do espaço da casa: “Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”.⁷ Bosi retoma o conceito de “objetos biográficos” de Violette Morin. São chamados de biográficos pois “envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista” (Bosi, 2003: 26).

Nos romances de Ana Maria Machado, os objetos assumem um

⁷ Bosi (2003: 25) ressalta a importância dos objetos que compõem a intimidade, o “mundo acolhedor” dos ambientes privados: “Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam.”

papel diegético e um valor simbólico particularmente significativo, mas o romance particularmente fornecido de materiais preciosos que viajam à deriva do tempo é o romance *Palavra da honra* – desde o crucifixo (legado da família Almada) e a caixinha da música que causa fascinação à Maria da Gloria até o piano da tia Dora, para mencionar só alguns.

Uma vez que a história de José envolve uma experiência de emigração, não é de estranhar a presença de práticas que ligam não só os espaços, senão também épocas diferentes. O menino que faz a viagem é o José que leva para o Brasil a sua “bagagem cultural” – dentro dela, encontram-se também objetos – materializações de lembranças levadas além-mar:

- Toma este crucifixo, meu filho. Está desde sempre na família do teu pai. Muito tempo. Disse-me tua avó que o tinha ao pé de si quando todos os filhos nasceram. E teu avó o tinha em mãos aos sessenta anos, ao entregar a alma a Deus. Leva-o sempre contigo para tua proteção. O velho Almada ainda o via diariamente em seu quarto, tantos anos depois. [...] Na memória, ainda mais nítido, o olhar da mãe ao lhe entregar a imagem! (Machado 2005: 25-26)

O crucifixo reaparece nas páginas finais do livro fazendo parte da cena de morte:

Fez um gesto em direção a cômoda. Alguém apanhou sobre ela o crucifixo que trouxera de Portugal. Quiseram-lhe entregar a imagem. [...] Fazia parte da cena de morte, bem sabia. A estatueta de madeira já fizera esse papel com seu avo e seu bisavô, do outro lado do mar. Também já abençoara nascimentos e presidira concepções, junto a sucessivos leitos nupciais. (Machado, 2005: 190)

Outros motivos apresentados no romance como fatores de continuidade (possuindo, portanto, uma temporalidade própria) são as lembranças. A relação entre elas e os objetos é forte e, no romance, são frequentemente apresentados juntos, como se vê no exemplo seguinte.

As prendas que os irmãos lhe deram perderam-se pelo tempo afora. [...] – Leva esta medalhinha de são José. Uma pedrinha redonda recolhida do chão à margem do riacho. Uma bolota de carvalho. Um toco de vela. Um desenho da casa feito com um pedaço de carvão, catado no borrar do lume da véspera. Os presentinhos não estavam perdidos, no entanto. Faziam companhia a memórias impalpáveis e presentes. O sorriso da mãe. A voz forte do pai a cantar para fazer adormecer os irmãos menores. O brilho das gotas de orvalho nas folhas de couve da horta. [...] Tudo ainda tinha uma presença latente em seus dias. Misturava-se com os sons que agora lhe chegavam, vindos da rua: [...]” (Machado 2005: 26)⁸

Conforme Pierre Nora (1993: 9), que segue o pensamento de Maurice Halbwachs, a memória “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” Esses sinais materiais servem enquanto “estabilizadores materiais” (para usarmos a expressão de Aleida Assmann) das recordações que são “entre as coisas mais voláteis e incertas que há” (Assmann, 2012: 267).

É crucial o significado da memória para a construção do caráter (ou seja, da identidade) mas também para ligar as épocas da vida e criar uma sensação de continuidade existencial.⁹ Uma vez no Brasil (após quarenta dias de travessia), José tem uma sensação peculiar do tempo: “Passados menos de quarenta dias de travessia, a sua terra já se lhe afigurava anos distante” (Machado, 2005: 33). “No entanto”, como consta na continuação do texto, lembrava-se bem de tudo. [...] Não se esquecia de nada. Tinha uma bagagem de lembranças concretas. Porém, mais que tudo, carregava para sempre a marca funda das recomendações finais que ouvira, numa conversa séria na última noite em casa. O pai reunira os três filhos mais velhos como numa cerimônia de sagração, consolidando a entrada de José no mundo

⁸ Outros objetos fazem parte da sua vida no Brasil e fazem parte dos rituais da família brasileira como é o caso da caixinha da música.

⁹ Nas palavras de Joël Candau (2011: 84): “as representações da identidade são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal”.

adulto masculino. Com ar solene, resumira o equipamento moral de que os dotara até então e com o qual agora deixava o futuro viajante cruzar o oceano. A bagagem que o acompanharia por todos os anos à sua frente. Tudo o que compunha um homem de bem. Ter palavra. Viver com dignidade. Ser honrado. Trabalhador. Reto. Integro. (Machado 2005: 33)

O pai está bem consciente da importância das suas palavras: “É a única herança que tenho para deixar-te, meu filho. Mas nenhum bem poderá ser mais precioso” (Machado 2005: 33). De fato, José vai incorporar essas lembranças e essas palavras que não vão somente sustentar a sua identidade senão também vão ter um papel decisivo no romance. É a sua honra, a sua palavra que marcará o seu destino.

A prática da transmissão de lembranças é frequentemente referida no romance. A neta preferida de José de Almada, Maria da Glória, ocupa um papel especialmente importante de guardadora de histórias familiares – sobretudo das que ouvira diretamente do seu avô. Como ela própria admite, na frente do avô, ela as guardou na memória e, ainda mais, passou-as adiante (ver Machado, 2005: 187). Passou-as para o seu filho e também para a sua neta Letícia. Na parte final do livro, ouvindo essas histórias, José retorna à infância: “Embalado pelas palavras do bisneto, José Almada se transportava. Voltava à infância e seguia sua própria história. De olhos cerrados, acompanhado pelo cão, a reunir o rebanho de memórias dispersas para levá-las ao aprisco, abrigo seguro no frio da noite que caía.” (Machado, 2005: 188). Salienta-se assim o valor forte das lembranças e da palavra, em geral, como elo precioso entre o agora e o passado.

5. Considerações finais

O nosso estudo do tempo narrativo no romance *Palavra de honra* abrangeu uma variedade de perspectivas analíticas usadas para investigar o tempo ao nível do discurso e também ao nível da história

observando este romance enquanto, para usarmos as palavras de Paul Ricoeur (1984), “une meditation thématique sur le temps”. As variações do tempo de primeiro nível, evidenciando uma configuração narrativa complexa, desaguam, ao nível da história, numa dialética de oposições entre o tempo cíclico e o tempo cronológico, o passageiro e o imutável, a continuidade e a mudança. Refere-se isto, sobretudo, à história de José de Almada cuja elaboração reflete as contiguidades e os valores tradicionais que fazem parte de uma genealogia familiar.



Bibliografia

Assman, Aleida (2012). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Bosi, Eclea (2003). *O tempo vivo da memória. Ensaio de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

De Toro, Alfonso (2011). Time Structure in the Contemporary Novel, in: *Time: from concept to narrative construct: a reader*. [ur. Jan Christoph Meister, Wilhelm Schernus]. Berlin/Boston: Walter de Gruyter.

Galle, Helmut Paul Erich (2014). Evoluções do romance de família na atual literatura de língua alemã, in: *Organon*, v. 29, n. 57, pp. 199-218. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/48240>. Acesso em: 19 jan. 2023.

Genette, Gérard (1972). *Figures III*. Paris. Édition du Seuil.

Machado, Ana Maria (1995). *Palavra de honra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Nora, Pierre (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares, in: *Projeto História*, n. 10, pp. 07-28.

Reis, Carlos (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina.

Ricoeur, Paul (1984). *Temps et récit* (tome II). Paris: Éditions du Seuil.



Modaliteti vremena u romanu *Palavra de honra*, Ane Marije Machado

U radu se problematizira aspekt vremena u romanu *Palavra de honra*, brazilske autorice Ane Marije Machado. Riječ je o romanu koji prikazuje povijest jedne obitelji putem polifonične strukture sačinjene od glasova koji progovaraju o različitim vremenima, prostorima i tradicijama. Taj obiteljski portret nadilazi okvire svakodnevnog i prolaznog zahvaljujući postupcima koji oblikuju složenu strukturu narativnog vremena. S tim u vidu, naša se analiza kreće od narativnog vremena na razini diskursa do figuracija vremena na razini priče. Također se dotičemo određenih aspekata kulturnog pamćenja kao osnove za promišljanja o vremenskom aspektu kao sastavnom dijelu obiteljske povijesti.

Ključne riječi: vrijeme, anakronija, obitelj, sjećanja, objekti

Variations of time in the novel *Palavra de honra*, by Ana Maria Machado

This article aims to reflect on the aspect of time in the novel *Palavra de honra*, by Ana Maria Machado, a novel that paints a family saga through a choir of voices producing a deep reflection on different times, spaces and habits united, however, by the family frame. The family portrait extends beyond the limits of everyday life and the ephemeral, whereas the imperative of building a family history does not escape experimentation with narrative time. The present work proposes to analyze the manifestations of time in Machado's novel from narrative time at the level of discourse to the figurations of time at the level of the story. We also reach out to certain aspects of cultural memory that provide a reflection on other temporalities that constitute the symbolic bonds of family history.

Keywords: time, anachrony, family, memories, objects